

A escrita política de Samir Machado de Machado em *O crime do bom nazista*

*The political writing of the Samir Machado de Machado
in O crime do bom nazista*

Mykaelle de Sousa Ferreira¹

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

msferreira.uerj@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-1560-4427>

RESENHA

MACHADO, Samir M. de. *O crime do bom nazista*. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2023.

Quando iniciamos a leitura de um romance policial pressupomos que haverá o contato com os principais aspectos do gênero: cenas de crimes, investigações, figuras detetivescas, pistas e uma boa dose de suspense. Como afirma Vera Lúcia Follain de Figueiredo (2020, p. 207), no plano da literatura detetivesca “narra-se para imprimir sentido ao caos dos acontecimentos, para tentar resolver o enigma do mundo”. Em *O crime do bom nazista* (2023), romance escrito por Samir Machado de Machado, o autor traz uma releitura singular dessa tradição, uma vez que estabelece um contraponto entre a história social brasileira e o totalitarismo nazista durante o período da Segunda Guerra Mundial.

Ambientada na década de 1930, a narrativa apresenta a luxuosa experiência promovida pelos dirigíveis germânicos da fabricante *Luftschiffbau Zeppelin*. A bordo do LZ 127 Graf Zeppelin, entre as cidades do Recife e do Rio de Janeiro, ocorre um homicídio misterioso que lança suspeita entre os passageiros, membros das elites do Brasil e da Alemanha, que se autodeclaram nazistas, apoiadores e financiadores do

¹ O presente trabalho foi realizado com a bolsa concedida pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) e pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Terceiro Reich. Portanto, um crime cometido no voo, dentro do espaço aéreo brasileiro, resultaria não apenas em um escândalo para a operadora de dirigíveis, mas, também, em um constrangimento diplomático, a ser evitado. Caberá ao discreto policial criminal alemão Bruno Brückner a missão de solucionar o caso enquanto o leitor, de igual modo, tenta desvendar as pistas deixadas nas entrelinhas do texto. Certo jogo narrativo é então construído à medida que o leitor procura respostas tanto para o crime cometido como também para o título do romance: afinal, por qual motivo alguém pode ser considerado um bom nazista? Questionamento que o acompanha até a última página.

Um ponto a destacar é a construção cuidadosa do projeto gráfico do livro. A capa do livro presta uma verdadeira homenagem às revistas *pulp fiction*, apresentando o desenho de um corpo caído observado por uma silhueta. Os demais aspectos que compõem a obra também contribuem para uma leitura prazerosa: a impressão em papel Pólen Bold, que traz conforto ao folhear as páginas na expectativa de descobrir os próximos caminhos da história, bem como as ilustrações relacionadas ao LZ 127 Graf Zeppelin – um mapa da estrutura da aeronave, além do selo postal emitido pelos Correios do Brasil nas correspondências enviadas pelo dirigível.

Embora não seja mencionado de modo explícito, é possível identificar a divisão da narrativa em dois blocos de leitura. Na primeira parte, o narrador compõe um quadro geral da caracterização das personagens em cena enquanto apresenta um levantamento do imaginário nacional-socialista do período – adotado enfaticamente pela baronesa Fridegunde van Hattem e pelo médico sanitariano dr. Karl Kass Vöegler, personagens de origem alemã. O foco do narrador, no entanto, reside nas ações do protagonista Bruno Brückner que se desloca entre os espaços comprimidos e claustrofóbicos do Zeppelin. “A verdade é que não havia muita coisa a fazer ali dentro senão comer, dormir e socializar – a gôndola de passageiros não era muito maior do que um vagão de trem de luxo” (Machado, 2023, p. 13). Conforme o protagonista Brückner assume o papel de autoridade que lhe foi concedido para interrogar os suspeitos individualmente, o leitor esbarra em depoimentos eugenistas e teorias conspiratórias anticomunistas que defendem “o expurgo e purificação de tudo que não fosse um reflexo de si mesmo e que, portanto, enfraquecia sua nação: judeus, ciganos e eslavos, homossexuais e ‘degenerados’ em geral” (Machado, 2023, p. 120). Vale ressaltar que o livro traz como mote a onda de perseguição sofrida por homossexuais na Berlim do início do século

XX, cidade que se tornou mundialmente notória graças ao pioneirismo da mídia impressa *queer* e das pesquisas científicas sobre sexualidade comandadas pelo Instituto Hirschfeld.

Na segunda parte do livro, o narrador costura diferentes campos da produção cultural tais como filmes, músicas e fotografias, que fornecem novas camadas de significado ao texto. Os episódios que antecedem e sucedem a viagem do protagonista convergem para o desfecho da narrativa e a resolução do enigma proposto. É também nessa parte que ocorre uma das cenas de violência mais marcantes do livro, expondo as feridas de uma sociedade fraturada pela ascensão do nazismo ao poder.

Ora pelos meandros dos diálogos entre as personagens, ora pela escalada da hostilidade contra os grupos considerados como “inimigos” comuns do Estado, o leitor vai percebendo certa semelhança entre diferentes contextos sociopolíticos de ruptura democrática, quando a serpente do nazifascismo rompe a casca do ovo. É justamente nessa chave de leitura que a trama do livro se conecta com a história política do Brasil, cujo passado recente demonstra a necessidade de nos mantermos em alerta.

O livro apresenta uma linguagem fluida e objetiva, o que torna o ritmo de leitura bastante dinâmico. Sem perder de vista a sofisticação e com pitadas de ironia, Samir Machado de Machado escreve como alguém que busca advertir ao seu leitor: apresenta fatos históricos, comenta as engrenagens de uma sociedade perversa, além de criar imagens que são fixadas sem esforço na memória de quem o lê. Sem recorrer a comparações superficiais, é possível supor que estamos diante de um escritor brasileiro que segue a mesma linha do romancista inglês George Orwell no sentido de assumir uma escrita política em seu sentido amplo, ou seja, é uma escrita movida pelo “desejo de puxar o mundo numa dada direção, alterar as ideias das outras pessoas para o gênero de sociedade por que devem afinal lutar”, uma vez que “nenhum livro é genuinamente livre de inclinação política” (Orwell, 2021).

O autor também traz para o primeiro plano da narrativa um debate sobre arte e entretenimento. Evidentemente, em torno dessa discussão também são levantadas questões sobre opressão e liberdade intelectual, considerando que no contexto adotado como pano de fundo da narrativa “qualquer um que fosse considerado demasiadamente artístico ou intelectual estaria em perigo” (Machado, 2023, p. 114). Qualquer espécie de

arte produzida por sujeitos contrários ao regime sofre censura e retaliação das milícias locais, como demonstra o assombroso episódio da queima de livros em praça pública.

Na grande fogueira, observou queimarem Hemingway e Wells e Huxley e Joyce e Fitzgerald e Kafka e Tolstói e Górkí e Dostoiévski e Musil e Gide e Brecht e Einstein e Zweig e Schnitzler e Nabokov e Proust e Zola; arderam no fogo Hellen Keller e Walter Benjamin e Lukács e Marcuse, Oscar Wilde e Radcliffe Hall e Isaac Babel e Herman Hesse e Jack London e Joseph Conrad e Mark Twain e Thomas Mann e Victor Hugo e John dos Passos e Erich Maria Remarque, e até mesmo o Bambi de Félix Salten; viu queimarem a Bauhaus de Gropius e Kamdinsky e a psicanálise de Freud, queimaram os livros de estrangeiros e de imigrantes, dos excessivamente intelectuais e dos liberais democráticos, e, sobretudo, queimaram de todos aqueles que tivessem alguma vez manifestado, por escrito ou oralmente, qualquer crítica aos nazistas ou a seu líder (Machado, 2023, p. 109).

Nesse sentido, figuras como Friedrich Radszuweit, editor alemão de revistas populares voltadas para o público LGBTQIAP+, representam uma forma de resistência à escalada totalitária. Para Radszuweit, “suprir as necessidades por entretenimento era algo tão essencial, tão libertador e tão importante quanto instruir seu público” (Machado, 2023, p. 103), pois ele “acredita que a leitura contribui para a criação de um senso de comunidade, e crê que o equilíbrio correto entre entretenimento e política pode resultar em ação prática” (Machado, 2023, p. 68). De igual modo, Samir Machado de Machado põe em evidência a discussão entre cultura e política ao demonstrar que a literatura de entretenimento pode ser tão engajada quanto uma literatura de proposta porque afirma seus valores ao leitor da mesma maneira que um romance histórico, por exemplo. Trata-se, portanto, de uma obra “onde o entretenimento não se esgota em si, mas traz consigo um alargamento da percepção e um aprofundamento da compreensão das coisas do mundo” (Paes, 1990, p. 28).

Terminamos o livro sentindo o forte impacto contido em suas palavras finais. Não há como adiar a tomada de posicionamento, tampouco ignorar a brutalidade apresentada. *O crime do bom nazista* (2023) é uma experiência de leitura profundamente política e em diálogo com os dias atuais.

REFERÊNCIAS

FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de. O gênero policial como máquina de narrar. In: *A ficção equilibrista: narrativa, cotidiano e política*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Belo Horizonte, MG: Relicário, 2020.

ORWELL, George. *Por que escrevo e outros ensaios*. Tradução Cláudio Marcondes. São Paulo: Penguin e Companhia das Letras, 2021.

PAES, José Paulo. Por uma literatura de entretenimento (ou: porque o mordomo não é o único culpado). In: *A aventura literária*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 25-38.

Recebido em: 26/02/2024

Aceito em: 29/03/2024

Mykaelle de Sousa Ferreira: Doutoranda em Literatura Brasileira pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Mestre em Estudos de Literatura, na subárea de Literatura Brasileira e Teoria da Literatura, pela Universidade Federal Fluminense (UFF).